

Alfabetizar letrando com a literatura infantil

Millena Ariella dos Santos MOTA (UFC)
millecot@hotmail.com

MOTA, Millena Ariella dos Santos. Alfabetizar letrando com a literatura infantil. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 402-407, jul./dez. 2016.

Resenha

SANTOS, Fábio Cardoso dos; MORAES, Fabiano. Alfabetizar letrando com a literatura infantil [livro eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

Palavras-chave: Letramento literário. Literatura infantil. Educação.

Keywords: Literary literacy. Children's literature. Education.

“*Alfabetizar letrando com a literatura infantil*” é fruto da parceria entre Fábio Cardoso dos Santos e Fabiano Moraes. O primeiro, atualmente, entre tantas funções que desempenha, é diretor na Academus Centro de Formação Continuada e coordenador, nessa mesma instituição, do grupo de estudo Discurso e Sociedade, de abordagem bakhtiniana; além disso, atua na capacitação docente na área de Letramento e Alfabetização. O segundo autor é professor adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo, idealizador e coordenador do Portal Roda de Histórias, pesquisador associado da Roda de Pesquisadores da Academia Brasileira de Letras, além de colaborador das diretrizes e ações do Plano Nacional de Cultura.

Em meio a debates sobre a ineficiência da educação brasileira e dentro de uma perspectiva de inovação do ensino, surge a obra “*Alfabetizar letrando com a literatura infantil*”. Nesse trabalho, os autores filiam-se ao Modelo Ideológico de Letramento, pois defendem o ensinar leitura e escrita a partir de eventos de letramento que valorizem o contexto social dos alunos, para que a aprendizagem seja eficaz e faça sentido em suas vidas.

Trata-se de uma obra que defende o letramento como promoção de saberes e transformação social. A ideia que norteia todo o livro é a de que se precisa “alfabetizar letrando”. Para melhor desenvolver esse conceito, o livro é dividido em quatro capítulos: 1) Literatura infantil e letramento literário; 2) Literatura infantil: o onírico e o lúdico na linguagem; 3) A literatura infantil e a tradição de saberes e 4) Os clássicos revisitados. Todos os capítulos possuem uma organização padrão. No início de todos eles, há sempre questionamentos como ponto de partida para o assunto abordado; no decorrer da progressão temática, há a divisão em subtemas e, ao final, uma sequência de seções que atendem a objetivos bem específicos dos autores, que vão desde a reflexão para uma ação à ampliação dos conhecimentos docentes. Em “Por uma ação reflexiva”, são lançadas perguntas ao professor para que ele pense sobre sua prática de ensino; já em “Proposta prática”, são sugeridas atividades de leitura e escrita, em concordância com a temática trabalhada no capítulo, a partir de obras da literatura infantil; na parte “Livros sugeridos para ações literárias”, são elencadas algumas obras infantis com um pequeno texto explicativo sobre elas; em “Para além da sala de aula”, são indicadas ações educativas que extrapolam o limite da sala e, até mesmo, da escola; na seção “Para conhecer mais”, são apontadas referências de obras a fim de que o professor aprofunde

seus conhecimentos sobre a temática explorada.

O primeiro capítulo, “Literatura infantil e letramento literário”, é de fundamental importância para se compreender o propósito desse livro, pois é nele que são explicados os conceitos de alfabetização, de letramento literário e de literatura, palavras-chave da obra. Além dessa explicação, situa-se o surgimento da literatura infantil no século XVII, período em que nasce uma preocupação especial com as crianças. Contudo, segundo os autores, a literatura usada naquele momento visava à transmissão dos valores adultos vigentes, exercendo um papel pedagógico e doutrinador. Há, aqui, uma limitação da obra, que parece mostrar apenas a literatura infantil clássica como fonte de doutrinação ideológica, como se esse poder e essa intenção estivessem ausentes em outros períodos da História da humanidade, inclusive na atualidade. Depois dessa explicação histórica, parte-se para a defesa de que o letramento literário deve tomar o gênero discursivo como objeto de ensino, porque sua presença em meio a textos literários possibilitará ao aluno compreender a utilidade da escrita e sua circulação social. Fundamentados nesse pensamento, os autores sugerem atividades em sala de aula com livros infantis que motivam o contato com diferentes gêneros do discurso, como a baseada em “Carta errante, avó atrapalhada, menina aniversariante”, de Mirian Pinsky, em que os alunos têm a oportunidade de escrever cartas para amigos ou familiares e a chance de visitar uma agência dos Correios para entender todo o processo logístico de envio das cartas. As sugestões de atividades são interessantes e eficientes, pois, do texto lido, trabalha-se uma variedade de gêneros e promove-se uma situação de produção textual real, que facilita a aprendizagem do conteúdo ensinado.

Em “Literatura infantil: o onírico e o lúdico na linguagem”, segundo capítulo do livro, traça-se o percurso histórico da literatura infantil — desde o século XVII ao século XX — e apontam-se os principais temas de cada época. De Charles Perrault, primeiro escritor a se voltar para o público infantil ao escrever, em 1697, “Contos de antigamente com moralidades”, passando por Daniel Deföe e Jonathan Swift, Walter Scott, Alexandre Dumas, os irmãos Grimm; Hans Christian Andersen, Lewis Carroll, até Monteiro Lobato, primeiro autor brasileiro que acreditou na inteligência das crianças. Esse trajeto é proveitoso porque permite a aquisição de conhecimentos acerca da formação da literatura infantil universal e nacional. Ao falar de Monteiro Lobato, destacam-se as ricas inovações de sua produção literária: a tradição

oral usada em seus textos, a introdução de assuntos do mundo adulto no universo infantil, o recurso da interdiscursividade com personagens da literatura clássica e da indústria cinematográfica hollywoodiana, a criação e a recriação de palavras. São características da literatura infantil, presentes nas obras de Lobato, que farão as práticas de leitura dos alunos ampliarem suas possibilidades de diálogo, de leitura e de interpretação literária, com base no lúdico e no onírico, que burlam, desfazem, subvertem a linguagem imposta. Para a prática do assunto discutido, são sugeridas uma atividade com jogos enigmáticos pela substituição de palavras no texto e outra com termos polissêmicos, sempre a partir de livros infantis. Como atividade que extrapola os limites da sala de aula, depois da leitura de “Pequenas observações sobre a vida em outros planetas”, de Ricardo Sivestrin, e de uma visita ao planetário, os alunos organizarão uma exposição sobre um sistema planetário criado por eles mesmos, aberta à visita durante a feira cultural da escola.

No capítulo 3, “A literatura infantil e a tradição de saberes”, a preocupação se volta para o político e o estético, sendo a literatura infantil apresentada como detentora de um caráter educacional, porque propaga ideologias; e de um aspecto artístico, porque promove rupturas, recriações e reinvenções. Desse modo, a literatura infantil se revela como a fonte de transformação de valores sociais, pois ela se apropria da realidade para transformá-la de modo estético, coletivo, político e ético. Além dessa defesa, há o forte convite à análise do enunciado em seu contexto social, pois somente nele é possível compreender o valor ideológico da palavra, que cria no outro uma ação responsiva. Assim, a literatura infantil deve nutrir o desenvolvimento do letramento literário, favorecendo a ampliação dos gêneros e a diversidade temática a fim de viabilizar transformações, mudanças, fugas, reinvenções e emancipações. Objetivando a ação dessa temática, são indicadas leituras e atividades que promovam o respeito à diferença e que contestem os padrões sociais impostos às crianças. Com base na leitura de “Guilherme Augusto Araújo Fernandes”, de Mem Fox, há o desenvolvimento de um trabalho em sala com objetos relacionados a memórias, que se amplia para uma visita a um lar de idosos.

“Os clássicos revisitados”, último capítulo da obra, traz a afirmação de que o uso dos clássicos da literatura infantil nas escolas é um mecanismo de perpetuação do tradicionalismo, por serem vistos como únicos e corretos. Essa declaração, um tanto equivocada,

demonstra um pensamento rigoroso sobre o assunto, pois, ao contrário da ideia defendida, os clássicos podem, sim, ser usados para contestar concepções e para mostrar diferentes valores de cada época. No livro, indica-se o trabalho com as versões únicas dos contos para a valorização da história da literatura infantil e com as versões múltiplas para o reconhecimento das transformações sociais. Visto que os contos são pertinentes a uma época específica, considerando a formação discursiva e os aspectos ideológicos, dois contos clássicos infantis são analisados em diferentes versões: “Sobre a menina salva dos filhotes de lobo” (Voight, 1889) com suas versões mais atuais, como a “Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque (2005), e “Os três porquinhos”, versão da Disney (1993), em comparação com “A história dos três porquinhos”, de Joseph Jacobs (1890). Diferente dos contos anteriores, “Pinóquio” (1883) não é comparado a nenhuma versão atual, porque tenta-se analisar seu discurso sob a ótica de seu tempo, mas, à luz de nossos dias, declara-se haver no enredo ações inerentes ao “fascismo social” quando aqueles que não iam à escola ou ao trabalho estavam fadados à exclusão social. Outra limitação encontrada, uma vez que o termo “fascismo” pertence a um período distinto do da obra em estudo, tornando-se, então, inaplicável ao contexto sócio-histórico da época, que tinha padrões bem diferentes dos atuais. Todo esse estudo das obras clássicas e de suas versões mostra que a literatura infantil dialoga com textos da tradição oral e com textos de obras universais. Então, o letramento literário trabalhará sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não. Para exercitar essa atualidade da contemporaneidade, sugerem-se atividades — com base em clássicos e em suas versões — que visam ao estudo das mudanças sociais e que motivam a produção de gêneros do discurso como práticas sociais. A partir de “O gigante egoísta”, de Oscar Wilde, adaptada por Lana Leão, os alunos trabalharão a sequência descritiva e terão uma aula diferenciada visitando um jardim.

Com o objetivo de sugerir práticas de alfabetização que não se limitem ao ensino do “ler” e do “escrever” descontextualizados, “*Alfabetizar letrando com a literatura infantil*” apresenta-se como um bom guia para professores que desejam trabalhar a leitura e a escrita como práticas discursivas inseridas em contextos sociais. Fundamentado no Modelo Ideológico, o livro contribui para uma nova e necessária forma de alfabetizar, pois possui o propósito nobre de transformação do ensino da leitura e da escrita em ações prazerosas e emancipadoras. A linguagem usada é simples e objetiva, o que facilita a compreensão

das ideias difundidas. O uso de imagens é propício para o público a que se destina, já que professores da alfabetização precisam adentrar no mundo infantil para organizar suas estratégias de ensino, deixando-se, como as crianças, serem envolvidos pelo colorido, pelo lúdico, pelo onírico. As atividades sugeridas são frutos da prática de ensino dos autores, são experiências bem sucedidas que valem a pena reproduzir por gerarem conhecimentos a partir de eventos de letramento em que a leitura e a escrita fazem sentido para as crianças.

Recebido em: 31 de ago. de 2016.

Aceito em: 26 de dez. de 2016.